

Página  
TRÊS

**Luto em vida.** Internada em hospital psiquiátrico, jovem escreveu carta, dizendo que não aguenta mais sua situação

# “Minha filha vai morrer”

Mãe de uma jovem usuária de crack, a comerciante Rosilene da Silva só quer ajuda para ter a filha curada

MAURÍLIO MENDONÇA  
mgomes@redegazeta.com.br  
ANNY GIACOMIN  
agiacomin@redegazeta.com.br

O drama vivido pelo personagem Danilo, interpretado pelo ator Cauã Reymond, na novela *Passione*, da TV Globo, não se limita ao mundo da ficção. O rapaz, viciado em crack, reapareceu no capítulo de ontem, depois de meses, em uma situação deplorável, por conta do vício. Na vida real, inúmeras famílias sentem na pele o que é ter um familiar envolvido nesse mundo obscuro, clamando por socorro.

A comerciante Rosilene Ferreira da Silva, 50 anos, por exemplo, deixou o desespero falar mais alto e abordou a reportagem de A GAZETA, na manhã de segunda-feira, no Terminal de Itacibá, em Cariacica. “Vocês são do jornal? Graças a Deus estão aqui. Eu preciso da ajuda de vocês, não sei mais a quem pedir ajuda para tratar minha filha. Ela é usuária de crack”, contou, trêmula, com lágrimas nos olhos.

A filha, Úrsula Cristina Ferreira da Silva, 28, está internada pela sétima vez no Hospital Adauto Botelho, também em Cariacica. A internação veio após uma determinação judicial, na semana passada.

“Tive que pedir ajuda à juíza, de novo. Minha filha vai



Rosilene afirma que já chegou a ser agredida pela filha durante uma crise de abstinência

“**Mãe, estou morrendo. Esse foi o meu destino, morrer no crack. Não sei por que isso aconteceu na minha vida. Me perdoe, você não teve culpa nisso. Saiba que eu te amo de todo o meu coração”**”

Trecho da carta de Úrsula à mãe

morrer se eu não fizer nada. Mas não adianta colocá-la no Adauto. Lá ela fica um mês e recebe alta para continuar o tratamento no Caps (Centro de Atendimento Psicossocial). Ela tem é que ser internada em clínica particular, direto, sem poder sair. Mas não tenho dinheiro”, desabafou.

O desespero não é só dela. A filha também busca por ajuda, desde que começou a usar a droga. “Ela pede ajuda, mas também pede a droga. É difícil explicar. Ela quer se drogar, mas

quer ser curada”, diz a mãe.

A primeira vez em que Úrsula fumou o crack foi há sete anos. “Ela usou a noite inteira e queria mais no dia seguinte. Em semanas já olhava para mim, chorando, implorando por ajuda”, lembra Rosilene. Ela já perdeu as contas de quantas vezes saiu à procura da filha, em bocas de fumo.

“Minha filha escreveu uma carta de despedida. Ela quer morrer e fala que vai morrer. Isso não pode acontecer. Ela desistiu de lutar contra a droga,

## Dor de uma mãe

Rosilene Ferreira da Silva, 50 anos, comerciante

### — DESESPERO

“A minha filha era ótima. Trabalhou em restaurante, lanchonete, lojas... Mas foi experimentar uma vez esse crack para nunca mais largar. Não sei o que fazer. Já até apanhei dela enquanto tentava segurá-la, impedindo que saísse de casa. E ela já me pediu para amarrá-la na cama, mas eu tinha medo de ela usar a corda para se enforcar. Nos últimos meses, era eu quem comprava a droga, porque não queria ver minha filha na rua, de novo, se prostituindo. Eu estava vendendo tudo que tinha em casa e na banca de revistas (que possui em Carapina, na Serra). Mas não tenho mais nada para vender. Só quero a minha filha curada. É tudo que peço.”

mas eu não. Agora, ela está em greve de fome. E tem uma filha linda, de 4 anos, que está com a minha mãe. Eu não posso desistir de minha filha”, desabafa Rosilene, entre lágrimas.

## O drama do crack

■ Confira reportagem sobre dramas provocados pelo crack na edição de A GAZETA deste domingo

## Orientação para pais que desconfiam do problema

Os pais que identificarem atos que revelem que os filhos possam estar consumindo drogas podem procurar as unidades de saúde. Lá, uma equipe médica fará a análise de cada caso para poder encaminhar a pessoa para internação e até mesmo para o tratamento.

A coordenadora do Programa de Saúde Mental da Secretaria Estadual de Saúde (Sesa), Inês Torres, lembra que o serviço, oferecido gratuitamente, também visa ao acompanhamento familiar. “A família fica angustiada e precisa receber todo o apoio e orientação.”

Segundo ela, há, hoje, no Estado, vagas de internação de crianças e adolescentes, além de outros 600 leitos psiquiátricos para adultos (20% deles ocupados por viciados em álcool e drogas). O que dificulta o tratamento muitas vezes, de acordo com Inês, é que o próprio usuário não apresenta interesse em romper o elo com as drogas. “Só em um centro de tratamento é possível encontrar um caminho diferenciado para se livrar do problema.”

VEJA NO ONLINE

Os locais onde procurar ajuda em [www.gazetaonline.com.br/agazeta](http://www.gazetaonline.com.br/agazeta).